

## ELEMENTOS PROPÍQUOS E DISTINTIVOS DA LITERATURA SAPIENCIAL

*Daniel Santos\**

### RESUMO

O propósito deste artigo é analisar os níveis de semelhança entre a sabedoria produzida dentro do contexto da sociedade israelita do Antigo Testamento e a que era produzida entre as nações ao seu redor no mundo antigo. O objetivo da análise não é distanciar a literatura sapiencial de Israel da que era produzida internacionalmente, mas entender os motivos e consequências de tanta semelhança entre ambas. A semelhança, o autor argumenta, não deve ser entendida como evidência de apropriação indevida ou repetição, mas de estratégia de comunicação. A literatura sapiencial do Antigo Testamento aproximava-se o suficiente para ser vista como *sapiencial* no contexto internacional, mas mantinha a distância que lhe garantia o direito de pronunciar conceitos oriundos do temor do Senhor.

### PALAVRAS-CHAVE

Literatura sapiencial; Livro de Provérbios; Contextualização; Propinquidade; Instrução; Aforismos.

### INTRODUÇÃO

Este artigo é uma continuação da pesquisa publicada anteriormente com o título “Respondendo à rainha de Sabá”,<sup>1</sup> que visou construir uma filosofia

---

\* Mestre em Teologia Exegética (Th.M., 2001) pelo Covenant Theological Seminary. Doutor em Estudos Teológicos no Antigo Testamento (Ph.D., 2006) pela Trinity Evangelical Divinity School. Fez estudos pós-doutorais sobre a literatura sapiencial do AT no Wycliffe Hall, em Oxford. Professor de Antigo Testamento no CPAJ desde 2007. É autor de artigos acadêmicos e de um comentário sobre o livro de Jó.

<sup>1</sup> SANTOS, Daniel. “Respondendo à rainha de Sabá: Uma investigação sobre a natureza da linguagem sapiencial do Antigo Testamento”. *Fides Reformata* 16, no. 1 (2011).

para uma educação teológica que seja global. Naquele artigo, argumentei que houve uma enorme variedade de mecanismos em uso no processo de atrair a atenção da rainha de Sabá, a qual estava plenamente consciente de que o rei israelita não era nem o primeiro nem o único a se envolver com literatura sapiencial. Uma das premissas que sustentaram essa conclusão foi o uso de provérbios desarticulados, os quais tinham a finalidade de promover um engajamento cognitivo entre o leitor e o texto que ia além de uma simples leitura.<sup>2</sup> Foi esse tipo de engajamento que culminou na visita de uma personagem tão ilustre como a rainha. Conforme o relato de 1 Reis 10.4-5, o engajamento não foi apenas com a sabedoria de Salomão, mas com a sabedoria incorporada na arquitetura de sua casa, na comida sobre sua mesa, no local de seus oficiais e nos holocaustos que ele oferecia na Casa do Senhor. Foi somente depois de ela ter observado essas coisas, outrora isoladas e conflitantes, mas agora integradas em sua vida pública e privada, que ela ficou como fora de si.

Neste artigo, a pesquisa vai além de provérbios desarticulados e busca identificar o que poderia ser chamado de elementos distintivos da literatura sapiencial do Antigo Testamento. O que, exatamente, era determinante para que uma pessoa no mundo antigo fosse atraída pelo tipo de literatura sapiencial produzida em Israel? Considerando o vasto campo da pesquisa, esse artigo tratará dos elementos distintivos tomando como base o livro de Provérbios.

Por um lado, evidências extrabíblicas atestam claramente a produção em escala internacional de conteúdo sapiencial do tipo *instruções*, uma abordagem semelhante ao que encontramos nos primeiros capítulos de Provérbios. Por exemplo, as instruções de Shuruppak ao seu filho Ziusudra (2600-2500 a.C.), as instruções de Any (18<sup>a</sup> Dinastia), as instruções de Amenemope, as instruções de Ptahhotep, as instruções de Kagemni, as instruções de Merikare, etc.<sup>3</sup>

Por outro lado, evidências bíblicas atestam uma possível interação entre os livros canônicos e a produção literária internacional. Primeiro, há uma percepção clara, por parte dos autores bíblicos, de que eles não estavam sozinhos no mundo intelectual e nem foram os primeiros na aventura literária sapiencial. Essa percepção fica evidente no relato encontrado em 1 Reis 4.29-30, onde encontramos referências claras a outros sábios de Israel e de países vizinhos.<sup>4</sup> Em segundo lugar, há um registro no livro de Provérbios que aponta claramente para um tipo de interação entre o ensinamento canônico e as *palavras dos sábios* (Pv 22.17). Emerton já argumentou exaustivamente sobre a associação

<sup>2</sup> FOX, M. V. "The rhetoric of disjointed proverbs". *Journal for the Study of the Old Testament* 29, no. 2 (2005).

<sup>3</sup> WEEKS, S. *Instruction and imagery in Proverbs 1-9*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2007.

<sup>4</sup> Ver outras abordagens sobre essa referência aos sábios em: COGAN, M. *1 Kings: a new translation with introduction and commentary*. New Haven; London: Yale University Press, 2008, p. 219-220.

desses sábios com os dizeres de Amenemope.<sup>5</sup> O ponto que exige nossa atenção agora tem a ver com a natureza da relação entre Provérbios e Amenemope. Na citação em questão, o autor de Provérbios recomenda “ouvir as palavras dos sábios” (*úšēma ‘dibrē ḥākāmīm*)<sup>6</sup> e, igualmente, “aplicar o coração para o meu [do autor de Provérbios] conhecimento” (*wēlibbēkā tāšīt lēda ‘tī*).<sup>7</sup> O resultado dessa interação entre as *palavras dos sábios* e as “*minhas*” *palavras* é apresentado em seguida: “Porque é coisa agradável os guardares no teu coração e os aplicares todos aos teus lábios. Para que a tua confiança esteja no SENHOR, quero dar-te hoje a instrução, a ti mesmo” (Pv 22.18-19). Em terceiro lugar, há uma contribuição externa (internacional) no conteúdo do livro: a) as palavras de Agur (Pv 30) e b) as palavras de Lemuel (Pv 31.1-9), ambos identificados como sendo de Massá.<sup>8</sup> Esses três exemplos são suficientes para mostrar que o produto final da literatura sapiencial do Antigo Testamento estava em constante contato com a sabedoria internacional, seja para criticar, polemizar ou incorporar, como foi o caso de Agur e Lemuel.

Destarte, quando pressupomos que a literatura sapiencial do Antigo Testamento estava em constante diálogo com as outras fontes de conhecimento ao redor do mundo, a pergunta principal deste artigo se torna ainda mais difícil de ser respondida: Como explicar o seu efeito atrativo sobre pessoas como a rainha de Sabá? Como já mencionamos no artigo anterior, o intento da rainha de vir “testar a sabedoria de Salomão” com perguntas difíceis (lit. *enigmas*) exigia que ambos tivessem uma base comum de referência semântica, sem a qual seria impossível arbitrar o jogo intelectual da rainha. Arbitrar aqui significa não decidir quem está certo, mas sim se as regras que validam as comparações estão sendo usadas.<sup>9</sup>

Assim sendo, a tarefa adiante requer uma investigação quanto à natureza da literatura sapiencial, indagando a respeito dos elementos distintivos que produziram a atratividade diante dos olhos dos outros povos. Minha tese neste artigo é que a literatura sapiencial encontrada no livro de Provérbios era

<sup>5</sup> EMERTON, J. A. “The teaching of Amenemope and Proverbs xxii 17 – xxiv 22: further reflections on a long-standing problem”. *Vetus Testamentum* 51, no. 4 (2001).

<sup>6</sup> A afirmação é tão contundente que a  $\text{G}$  acrescenta ἐμὸν λόγον (“minha palavra”) e os editores da BHS 5ª Edição sugerem o acréscimo de  $\text{בְּרִי}$  após o verbo *úšēma*’.

<sup>7</sup> Novamente a  $\text{G}$  reluta em aceitar a leitura do texto massorético e acrescenta: ἵνα γινῶς ( $\text{G}^s$  αὐτούς), “para o conhecimento deles”.

<sup>8</sup> Para discussões sobre os possíveis significados de “massá”, ver: MURPHY, R. *Proverbs*. Nashville, TN: T. Nelson Publishers, 1998, p. 226; GARRETT, D. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of songs*. Nashville, TN: Broadman Press, 1993, p. 236; WALTKE, B. *The book of Proverbs: chapters 15-31*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.

<sup>9</sup> Ver uma discussão sobre validação de significado em: VANHOOZER, K. J. *Is there a meaning in this text? The Bible, the reader, and the morality of literary knowledge*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1998, p. 244.

propínqua ou próxima da literatura sapiencial estrangeira no que diz respeito ao gênero literário, assunto e público alvo. Além disso, proponho que a propinquidade produzida pelos três elementos supracitados abriu o caminho para que a rainha de Sabá fosse atraída por dois elementos da sabedoria de Salomão: a) a identidade de quem fala ou dá a instrução e b) a integridade/validade do conteúdo. Nos parágrafos a seguir ilustrarei os três elementos propínquos e, depois, comentarei sobre os dois elementos distintivos.

## 1. OS ELEMENTOS PROPÍQUOS

Qual é a extensão da influência direta que as composições literárias estrangeiras tiveram sobre a literatura sapiencial israelita? A resposta tradicional a essa pergunta é geralmente formulada com base no pressuposto de que “o temor do Senhor é o princípio da sabedoria” (Pv 1.7). A conclusão, nessa linha de raciocínio, é que uma sabedoria firmada no temor do Senhor é capaz de produzir um tipo de conhecimento que não se encontra fora da sociedade Israelita. Esse pressuposto começou a ser minado quando Erman demonstrou em 1924 que Provérbios 22.17-23.10 continha uma série de instruções e aforismas que pareciam ser do sábio egípcio Amenemope,<sup>10</sup> uma teoria obviamente aberta a diversas críticas.<sup>11</sup> Ao que me parece, o receio de estabelecer uma proximidade muito grande entre a fonte da sabedoria israelita e a de outros povos está baseada num entendimento incompleto da natureza e propósito dessa propinquidade. Vejamos os quatro elementos que fazem com que a literatura sapiencial israelita esteja alinhada com a dos povos ao seu redor.

### 1.1 Gênero

Qualquer pessoa familiarizada com o livro de Provérbios sabe que há pelo menos duas categorias bem distintas que foram reunidas debaixo do termo “provérbios de Salomão”. São elas: a) instruções (caps. 1-9) e b) aforismos<sup>12</sup> (caps. 10.1-22.16; 25.1-29.27). É sempre apropriado ter em mente a distinção entre instruções e aforismos quando o assunto é a definição do gênero da literatura sapiencial do Antigo Testamento. No caso das instruções, por exemplo, o modelo adotado por Salomão no livro de Provérbios já era conhecido e amplamente utilizado no Egito. Weeks indica corretamente que desde o período do antigo império, hieróglifos eram utilizados cada vez mais para inscrições funerárias, orações, encantamentos e autobiografia nos túmulos, esperando-se

<sup>10</sup> HALLO, W. W.; YOUNGER, K. L. *The Context of Scripture 1: Canonical Compositions from the Biblical World*. Leiden; New York: Brill, 1997, p. 155.

<sup>11</sup> EMERTON, J. A. “The teaching of Amenemope and Proverbs xxii 17-xxiv 22: further reflections on a long-standing problem”. WALTKE, *The book of Proverbs: chapters 15-31*.

<sup>12</sup> Um aforismo é uma máxima, ditado ou sentença que, em poucas palavras, explica regra ou princípio de moral.

que “as palavras do falecido, ou as que foram atribuídas a ele, pudessem ser perpetuadas cumprindo a função de manter sua memória viva”.<sup>13</sup> É possível que a preocupação com a preservação do legado de uma pessoa tenha sido um dos motivos que deram origem ao gênero conhecido como “instruções”. Mesmo reconhecendo que tal conclusão seja passível de crítica, Weeks também acredita que “textos instrucionais parecem ter sido um desenvolvimento dessa ideia, e é possível não somente estabelecer uma conexão entre inscrições funerárias e as instruções, mas também ver as continuidades entre as duas”.<sup>14</sup>

Dentre os exemplos mais conhecidos de instruções no mundo antigo estão: 1) as *instruções de Hardjedef*,<sup>15</sup> um príncipe da 4ª dinastia do império antigo (2707-2170 a.C.) instruindo o seu filho para casar-se, estabelecer um lar e fazer preparações para o seu funeral, 2) as *instruções de Ptahhotep*,<sup>16</sup> um vizir da 5ª dinastia que pede permissão para instruir o príncipe; 3) as *instruções a Kagemni*, um vizir da 3ª dinastia dando conselhos para seu filho Kagemni; 4) as *instruções de Merikare*,<sup>17</sup> um faraó do primeiro período intermediário (2170-2025 a.C.); 5) as *instruções de Amenmhet I*, um rei do médio império (1776-1794 a.C.) que dá conselhos ao seu filho. A julgar pelos exemplos citados, é possível concordar com a definição proposta por Weeks: “Numa instrução, um personagem entrega um discurso dirigido ao seu filho, geralmente no momento em que ele está se preparando para passar seu legado à geração seguinte”.<sup>18</sup>

Quando consideramos Provérbios 1-9 à luz desse contexto literário, fica evidente que a linguagem adotada por Salomão foi intencionalmente ajustada para ser vista nos padrões de literatura sapiencial do Antigo Oriente. Estar *ajustada* significa adotar padrões de um modelo internacionalmente conhecido, mas não uma dependência ou subserviência aos conceitos e pressupostos a ponto de inibir a criatividade de cada autor. Pelo contrário, ao ajustar o modelo para os padrões de seus dias, Salomão estabeleceu um ponto de contato e de diálogo com outros sábios e suas culturas. Alguns exemplos desse tipo de

<sup>13</sup> WEEKS, S. *An introduction to the study of wisdom literature*. London; New York: T & T Clark, 2010, p. 12.

<sup>14</sup> WEEKS, Instruction and imagery in Proverbs 1-9, p. 24.

<sup>15</sup> Ver mais detalhes e comentários sobre essas instruções em: LONGMAN, T., III. *Baker Commentary on the Old Testament: Proverbs*. Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2006, p. 43; GARRETT, D. *Proverbs, Ecclesiastes, Song of songs*, p. 21; FOX, M. V. *Proverbs 10–31: A New Translation with Introduction and Commentary*. New Haven; London: Yale University Press, 2009, p. 1119.

<sup>16</sup> LONGMAN, T., III. *Baker Commentary on the Old Testament: Proverbs*, p. 42; FOX, M. V. *Proverbs 1-9: a new translation with introduction and commentary. Anchor Bible*. New York: Doubleday, 2000, p. 80; WALTKE, B. K. *The Book of Proverbs, Chapters 1–15*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004, p. 71.

<sup>17</sup> HALLO; YOUNGER. *The Context of Scripture 1*, p. 66.

<sup>18</sup> WEEKS, S. *Early Israelite wisdom*. Oxford; New York: Clarendon Press; Oxford University Press, 1994, p. 11-12.

“ajuste” incluem: a) o formato da introdução do livro de Provérbios (1.1-7), que demonstra muita semelhança com o início das instruções de Amenemope; b) diálogos entre pais e filhos usando expressões do tipo “filho meu”; c) a presença de vilões morais como a mulher adúltera, etc. Quando consideramos Provérbios 10.1-22.16, a proximidade com o padrão internacional é ainda maior. Há muitos aforismos que tratam de temas idênticos, além de o fazerem de modo semelhante. Isso é especialmente verdadeiro quando tratamos das palavras dos sábios (22.17-24.22), as quais dialogam e interagem com os trinta dizeres de Amenemope.

Destarte, o gênero adotado pelo autor de Provérbios era muito comum e conhecido para ter sido o motivo da atratividade sentida pela rainha de Sabá.

## 1.2 Temas

Se o *gênero* adotado por Salomão para apresentar sua sabedoria diante dos olhos das nações estava formatado para ser entendido e utilizado como literatura sapiencial, será que o mesmo pode ser dito a respeito dos *temas* tratados em sua sabedoria? Antes de prosseguir, é importante que se faça uma distinção entre *tema* e *conteúdo*. Quando se diz que Merikare recebeu instruções de seu pai concernentes às decisões que deveria tomar para garantir a manutenção e estabilidade de seu reino, estamos tratando do *tema* dessa instrução e não do *conteúdo*. Veja o que devemos considerar como *conteúdo* das instruções de Merikare.

O cabeça-quente é um incitador da população,  
 ele cria facções entre os jovens;  
 Se você descobrir que pessoas estão juntando-se a ele,  
 denuncie-o diante dos conselheiros,  
 reprima-o, ele é um rebelde,  
 o tagarela é um causador de problema para a cidade.<sup>19</sup>

O modo como cada cultura e seus respectivos sábios trataram os temas pode variar, mas nossa investigação inicial aqui é saber se os temas escolhidos eram congruentes com o que se discutia entre outros povos. Considerando que a sabedoria de Israel era de alguma forma proveniente do temor do Senhor, não há uma necessidade de os sábios israelitas terem de tratar dos mesmos temas que as culturas vizinhas vinham tratando há séculos. Por outro lado, a decisão de não tratar de temas já consagrados na literatura sapiencial mundial colocaria Israel fora do eixo de diálogo com os sábios e suas respectivas culturas. Como a sabedoria de Israel reagirá? Será que os sábios de Israel tinham

<sup>19</sup> HALLO; YOUNGER, *The Context of Scripture 1*, p. 62.

algum interesse em iniciar e manter um diálogo com uma produção sapiencial que não provinha do temor do Senhor?

Aqueles que não estão muito familiarizados com a sabedoria de outros povos antigos ficarão surpresos e incomodados com o volume de congruência dos temas. Há, pelo menos, cinco temas que certamente encontraremos nos exemplos de literatura sapiencial do antigo oriente: 1) definição do que é considerado “sabedoria”;<sup>20</sup> 2) discussão sobre os modos de se adquirir a sabedoria; 3) considerações sobre casamento e adultério;<sup>21</sup> 4) comparações entre justo e ímpio, sábio e tolo; 5) personificação da sabedoria como uma mulher.<sup>22</sup> Todos esses exemplos demonstram que a seleção de temas era um elemento identificador da linguagem sapiencial no mundo antigo e, por esse motivo, a seleção que encontramos no livro de Provérbios criava imediatamente um diálogo com as abordagens de outras culturas. Considere, por exemplo, a instrução a seguir:

Filho meu, se os pecadores querem seduzir-te, não o consintas. Se disserem: Vem conosco, embosquemo-nos para derramar sangue, espreitemos, ainda que sem motivo, os inocentes; traguemo-los vivos, como o abismo, e inteiros, como os que descem à cova; acharemos toda sorte de bens preciosos; encheremos de despojos a nossa casa; lança a tua sorte entre nós; teremos todos uma só bolsa. Filho meu, não te ponhas a caminho com eles; guarda das suas veredas os pés; porque os seus pés correm para o mal e se apressam a derramar sangue (Pv 1.10-16).

A descrição do contexto em que o jovem vive é curiosamente semelhante ao que Merikare apresentou, ou seja, um jovem que estava envolvido com circunstâncias que iam além do convívio familiar. O jovem de Provérbios, bem como o jovem de Merikare, eram parte de uma sociedade construída

<sup>20</sup> Ver especialmente a discussão sobre a *teoria da coerência* em FOX, M. V. “Ideas of Wisdom in Proverbs 1-9”. *Journal of Biblical Literature* 116, no. 4 (1997): 675.

<sup>21</sup> Ver o exemplo nas instruções de Any, as quais fazem uso de frases recorrentes no livro de Provérbios como “Cuidado com mulheres estranhas, que não são da sua cidade”, em HALLO e YOUNGER, *The Context of Scripture 1*, p. 111. Esse tipo de tema é tratado semelhantemente em Provérbios 6.24-26; 7.6-27 e 2.16-19. Por outro lado, instruções sobre como estabelecer um matrimônio sólido são igualmente oferecidas: “Quando você for jovem e tomar uma mulher por esposa, atente para suas necessidades...” HALLO e YOUNGER, *The Context of Scripture 1*, p. 113. Provérbios sumérios igualmente tratam abundantemente de assuntos relacionados à esposa, como no exemplo: “um homem injusto, que não sustenta uma esposa, que não sustenta um filho, não foi criado para obter grandes propriedades”, HALLO e YOUNGER, *The Context of Scripture 1*, p. 563. Para uma lista mais extensa que trata dos tópicos relacionados às mulheres, casamento, sexo e adultério, ver SHUPAK, N. “Female imagery in Proverbs 1-9 in the light of Egyptian sources”. *Vetus Testamentum* 61, no. 2 (2011); ALETTI, J. N. “Seduction et parole en Proverbes I-IX”. *Vetus Testamentum* 27, no. 2 (1977); MURPHY, R. E. “Wisdom and eros in Proverbs 1-9”. *The Catholic Biblical Quarterly* 50, no. 4 (1988).

<sup>22</sup> WALTKE, B. K. “Lady Wisdom as mediatrix: an exposition of Proverbs 1:20-33”. *Presbyterian* 14, n. 1 (1988); SHUPAK, N. “Female imagery in Proverbs 1-9 in the light of Egyptian sources”.

com virtudes e vícios que deveriam ser sabiamente discernidos. O fato de a sabedoria israelita ter escolhido tratar desse tema com uma perspectiva similar aos outros povos é uma evidência de que havia um diálogo.

A proposta deste artigo, no que diz respeito aos temas tratados, é de que a literatura sapiencial do tipo que encontramos no livro de Provérbios tratava de temas similares aos que eram tratados em outras culturas. A congruência entre ambas é tão grande que fica difícil identificar quem tratou primeiro de cada tema. Ao contrário do que possa parecer, a propinquidade observada nesse campo é *intencional* e não acidental, pois ela serve o propósito de criar interfaces para um diálogo entre a sabedoria produzida em Israel e a produzida nos povos vizinhos. Ao selecionar temas semelhantes para serem discutidos, a literatura sapiencial israelita abria espaço para o diálogo, ao mesmo tempo em que fomentava críticas e confrontos com outros sábios.<sup>23</sup>

### 1.3 Público alvo

O público alvo da literatura sapiencial em geral e a do Antigo Testamento em particular era internacional, ou seja, havia um esforço intencional para que a produção literária em Israel fosse assimilada por leitores de outras culturas. Isso significa dizer que os sábios estavam sempre empenhados em construir e manter um diálogo com um público espalhado pelo vasto território do antigo oriente. Um dos principais elementos responsáveis por iniciar esse diálogo era a escolha dos temas, como vimos anteriormente. Mas o que dizer do público alvo?

O uso da expressão “filho meu” não deve ser entendido como uma definição do público alvo como sendo o próprio lar daquele que instruía. Há duas premissas em suporte dessa conclusão: 1) a expressão aparece tanto em relação às instruções (Provérbios 1-9) como em relação aos aforismos (Provérbios 10-22, 25-29). Mesmo que consigamos defender que o uso de “filho meu” nas instruções identifica o público alvo dentro do lar, o uso da mesma expressão entre os aforismos compromete essa conclusão. Aforismos não são dirigidos ao “filho meu”, mas falam *sobre* o filho ou filhos.<sup>24</sup> Curiosamente, os casos em que a expressão “filho meu” parece estar se referindo ao relacionamento domiciliar estão entre os provérbios que foram atribuídos aos sábios (cf. Pv 22.17-24.22). Esta é a seção comumente considerada como um tipo de diálogo com os ensinamentos de Amenemope, os quais foram originalmente dirigidos ao público egípcio, mas agora é reutilizado numa coleção em outro país. Como já vimos anteriormente, o modo como Salomão apresenta as palavras dos sábios convida o leitor a um debate provido de parâmetros obtidos nos seus ensinamentos.

<sup>23</sup> Ver mais especificamente os quatro elementos do método comparativo descrito por Younger em: HALLO, W. W.; YOUNGER, K. L. *The Context of Scripture 2: Monumental Inscriptions from the Biblical World*. Leiden; New York: Brill, 2000, xxxvii.

<sup>24</sup> Ver especialmente os exemplos em Provérbios 10.1, 5; 13.1, 24; 15.20; 17.2, 21, 25; 19.13, 18 e 26.



O público alvo da literatura salomônica é descrito nas narrativas do Antigo Testamento como sendo internacional, quando afirma que a sua fama correu por todas as nações ao redor (1Rs 4.31) e, além disso, de todos os povos vinha gente para ouvir da sua sabedoria (1Rs 4.34).<sup>25</sup> Todavia, o mesmo pode ser dito e observado com respeito aos escritos de outros povos. Isso nos leva de volta à pergunta inicial sobre os motivos que levaram uma pessoa como a rainha de Sabá até Jerusalém. Se o gênero, os temas e o público alvo eram semelhantes, qual teria sido o elemento (ou elementos) determinante na atratividade inerente à literatura sapiencial israelita?

## 2. ELEMENTOS DISTINTIVOS

Quando o historiador bíblico relaciona a produção literária de Salomão com a de outros povos, a expressão usada para defini-la foi *seu nome* (סְבִיב וַיְהִי שְׁמוֹ בְּכָל הַגּוֹיִם “e estava o seu *nome* em todas as nações ao redor”, cf. 1Rs 4.31). A primeira vez que lemos a respeito do *nome* de Salomão com o sentido de fama, foi na ocasião de sua entronização. Naquele dia, quando os oficiais vieram celebrar a decisão de Davi de estabelecer Salomão no trono, eles dirigiram a Davi as seguintes palavras: “Faça teu Deus que o *nome* de Salomão [אַתָּה שֵׁם שְׁלֹמֹה] seja melhor do que o teu nome; e faça que o seu trono seja maior do que o teu trono” (1Rs 1.47).<sup>26</sup> Seria o caso de o *nome* de Salomão ser o elemento responsável pelo sucesso da literatura sapiencial produzida em Israel?

Embora os votos de saudação dos oficiais de Davi tenham se concretizado, fazendo com que o nome de Salomão fosse maior do que o de seu pai Davi, o relato bíblico que descreve a visita da rainha de Sabá usa a expressão “*fama* de Salomão” (שָׁמַע שְׁלֹמֹה אֵת, cf 1Rs 10.1) em vez de “*nome* de Salomão” para definir aquilo que atraiu a curiosidade da rainha. E não apenas isso; a “*fama* de Salomão” é, em seguida, qualificada com a frase לְשֵׁם יְהוָה (“com respeito ao nome do Senhor”). Isso significa dizer que, mais importante que a *fama* de Salomão ou seu *nome*, a relação existente entre ambos e o *nome do Senhor* foi determinante. É evidente que há diversas opiniões divergentes a esse respeito,<sup>27</sup> mas o objetivo deste artigo é investigar a narrativa bíblica à luz dos relatos extrabíblicos de sabedoria, e não o contrário.

<sup>25</sup> A ênfase deve ser colocada na representatividade dessas nações (בְּיַמֵּיהֶם לְכָל) e não na coletividade.

<sup>26</sup> Sobre o contexto e finalidade dessa saudação proferida pelos oficiais, ver: DEVRIES, S. J. *1 Kings*. 2nd ed. Dallas: Word, 2003, vol. 12, p. 18; COGAN, M. *1 Kings: a new translation with introduction and commentary*, p. 163.

<sup>27</sup> Ver opiniões divergentes em: MIR, M. “The queen of Sheba’s conversion in Q 27:40. A problem examined”. *Journal of Qur’anic Studies* 9, no. 2 (2007); KEALL, E. J., “Queen of Sheba: Treasures from Ancient Yemen”. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, no. 331 (2003); LASSNER, J. *Demonizing the Queen of Sheba: boundaries of gender and culture in postbiblical Judaism and medieval Islam*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

O que, exatamente, era distintivo no modo como Salomão associava o nome do Senhor com a sua literatura? Outras culturas também associavam o nome das divindades com suas instruções e aforismas. Por que, então, a relação com o *nome* do Senhor conquistou a atenção da rainha? Há dois aspectos no modo como Salomão usou o nome do Senhor em sua produção literária que tornam sua abordagem distinta: 1) ele personificava o nome do Senhor como a sabedoria falando através das instruções e 2) ele exemplificava a sabedoria almejada nos seus escritos com a própria vida.

### 2.1 *Personificação da sabedoria*

Os detalhes da estratégia de personificação da sabedoria em Provérbios são um assunto que extrapola os limites da pesquisa proposta neste artigo. Há diversos estudos que tratam de maneira cuidadosa desse tema.<sup>28</sup> A parte que nos interessa aqui é ver o modo como a personificação contribui para a singularidade da abordagem adotada por Salomão. Tem havido muitas tentativas de igualar a estratégia de personificação utilizada em Provérbios com a que os sábios egípcios utilizaram para apresentar a divindade Ma'at. A citação comumente usada vem das inscrições nas paredes do templo de Karnak, nos seguintes termos:

Palavras proferidas por Maat, filha de Re:  
 Oh, meu filho encarnado, meu amado,  
 Senhor de ambas as terras,  
 Senhor de braços fortes, Menmare,  
 Eu lhe concedo uma eternidade em jubileus como Re!<sup>29</sup>

As palavras proferidas por Ma'at concluem uma descrição mais extensa das conquistas do faraó Setos I (21ª Dinastia), onde ela, junto com outras divindades, profere vários tipos de louvores ao rei vitorioso na batalha.

A diferença entre o uso da personificação utilizada em Provérbios tem a ver com o cenário mais amplo criado pelo livro. A sabedoria personificada como uma mulher está envolvida num diálogo bem mais extenso com o personagem identificado como “filho meu”, ao mesmo tempo em que a mulher adúltera tenta dissuadi-lo de seguir o caminho que conduz à verdadeira sabedoria (cf. Pv 1.20-33; 3.13-20; 8.1-36; 9.1-6, 13-18). Mais do que isso, Salomão faz uso de conceitos conhecidos em outras culturas para que o diálogo seja mais intenso e intencional.

<sup>28</sup> WALTKE, B. K. “Lady Wisdom as mediatrix: an exposition of Proverbs 1:20-33”; FOX, M. V. “Ideas of Wisdom in Proverbs 1-9”; HADLEY, J. M. “Wisdom and the goddess”. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1995; LENZI, A. C. “Proverbs 8:22-31: three perspectives on its composition”. *Journal of Biblical Literature* 125, no. 4 (2006); ALETTI, J. N. “Proverbs 8:22-31: étude de structure”. *Biblica* 57, no. 1 (1976).

<sup>29</sup> HALLO, W. W.; YOUNGER, K. L., *The Context of Scripture 2: Monumental Inscriptions from the Biblical World*, p. 60.

Considere os seguintes aspectos no exemplo 1 abaixo: (a) A descrição da mulher sabedoria fez uso de conceitos que apontam inquestionavelmente para a divindade egípcia Ma’at, que tinha o símbolo da vida em uma mão e o cetro, um símbolo de riquezas e honra, na outra.<sup>30</sup> (b) A árvore da vida é também um tema muito comum encontrado nas tumbas a partir da 18ª dinastia no Egito, onde a pessoa falecida era retratada como alguém que está sendo nutrido pelas folhagens do sicômoro. Ou seja, o trabalho de personificação foi muito além de tornar a sabedoria um personagem falante, mas alguém que tem características de um personagem internacionalmente conhecido. Para os que conheciam a figura de Ma’at, a surpresa viria não do fato de verem seus detalhes sendo usados na descrição da sabedoria em Provérbios, mas naquilo que a personagem em Provérbios fala.<sup>31</sup> (c) Finalmente, uma vez que a comparação foi estabelecida, o modelo é *adaptado* para comunicar uma mensagem peculiar não de Ma’at, mas do Senhor, que é o princípio da sabedoria israelita.

**EXEMPLO 1**

Provérbios 3.13-20

אֲשֶׁרִי אָדָם מֵצֵא חֵכְמָה  
 וְאָדָם יַפְיֵק תְּבוּנָה:  
 כִּי טוֹב סְחָרָה מִסְחָר־כֶּסֶף  
 וְיִמְחֲלוּץ תְּבוּאָתָה:  
 יָקָרָה הִיא מִפְּנִיִּים  
 וְכָל־חַפְצֶיךָ לֹא יִשׁוּבָה:  
 אֲרֹךְ יָמִים בְּיְמִינָה  
 בְּשִׁמְאוּלָה עֵשֶׂר וְכָבוֹד:  
 דְּרָכֶיהָ יָדָךְ־נֹעֵם  
 וְכָל־נְתִיבוֹתֶיהָ שְׁלוֹם:  
 עֵץ־חַיִּים הִיא לְמַם־זִיקִים בָּהּ  
 וְתַמְכִּיהָ מֵאֲשֶׁר: פ

יְהוָה בַּחֲכָמָה יִסְד־אָרֶץ  
 כּוֹנֵן שָׁמַיִם בַּחֲבוּנָה:  
 בְּדַעְתּוֹ תְּהוֹמֹת נִבְלָעוּ  
 וְשָׁחֲקִים יִרְעַפוּ־טָל:

PASSO 1: APROXIMAÇÃO

- 13 Feliz o homem que acha sabedoria,  
e o homem que adquire conhecimento;
- 14 porque melhor é o seu lucro do que o da prata,  
e melhor a sua renda do que o ouro mais fino.
- 15 Mais preciosa é do que pérolas,  
e tudo o que podes desejar não é comparável a ela.
- (a) 16 O alongar-se da vida está na sua mão direita,  
na sua esquerda, riquezas e honra.
- 17 Os seus caminhos são caminhos deliciosos,  
e todas as suas veredas, paz.
- (b) 18 É árvore de vida para os que a alcançam,  
e felizes são todos os que a retêm.

PASSO 2: COMUNICAÇÃO

- (c) 19 O SENHOR com sabedoria fundou a terra,  
com inteligência estabeleceu os céus.
- 20 Pelo seu conhecimento os abismos se rompem,  
e as nuvens destilam orvalho.

<sup>30</sup> MURPHY, R. E. “Wisdom and eros in Proverbs 1-9”, p. 22; HABEL, N. C. “Symbolism of wisdom in Proverbs 1-9”. *Interpretation* 26, no. 2 (1972).

<sup>31</sup> FOX, M. V. *Proverbs 1-9: a new translation with introduction and commentary*. New Haven; London: Yale University Press, 2008, p. 158; FOX, M. V. “Word order and ma’at: a crooked parallel!”. *JANES* 23 (1995).

## 2.2 *Exemplificação da sabedoria*

O segundo elemento distintivo da sabedoria veiculada por meio de Provérbios, em particular, e de Salomão, em geral, era a maneira como seus aforismos eram misteriosamente exemplificados em sua vida privada. Esse é um tema que será tratado mais detalhadamente em outra ocasião, mas podemos afirmar aqui o princípio geral que é fácil de falar, mas difícil de obter: os ditos de Salomão não eram contraditados por suas obras. Quando a rainha de Sabá visitou Salomão para testar sua sabedoria (1 Reis 10), a narrativa bíblica descreve uma personagem inquiridora que não se satisfiz apenas com aquilo que ouvia dizer sobre a fama de Salomão. Sua viagem a Jerusalém cumpria um propósito específico de verificar a legitimidade e genuinidade daquilo que era propagado entre os povos sobre a sabedoria do rei de Israel. O ponto a ser enfatizado aqui é o momento em que ela, finalmente, se vê maravilhada com a sua sabedoria.

Vendo, pois, a rainha de Sabá toda a sabedoria de Salomão,  
e a casa que edificara, e a comida da sua mesa,  
e o lugar dos seus oficiais, e o serviço dos seus criados,  
e os trajes deles, e seus copeiros,  
e o holocausto que oferecia na Casa do SENHOR,  
ficou como fora de si (1 Rs 10.4–5).

Ainda que esse aspecto singular da sabedoria israelita não tenha sido ilustrado por muito tempo na vida do seu rei, não podemos negar que o objetivo foi cumprido e o modelo idealizado por Deus em Deuteronômio 4.6 foi finalmente testado. Considerando que o exemplo de Salomão apontava para um modelo maior e mais perfeito de sabedoria, podemos manter esse segundo elemento distintivo como sendo verdadeiro no contexto do cânon das Escrituras.

## CONCLUSÃO

A sabedoria produzida e exemplificada na sociedade israelita do Antigo Testamento não buscava se isolar do seu contexto, formulando ideias que só poderiam ser entendidas por aqueles que já tinham pressupostos religiosos congruentes. Pelo contrário, os sábios buscaram conhecer o mundo de seu tempo, esforçando-se por utilizar um gênero literário padronizado, esforçando-se por tratar temas que fossem relevantes para todas as nações ao redor de Israel e esforçando-se por focar o mesmo público alvo que as sabedorias dos outros povos também miravam. A visita da rainha de Sabá exemplifica o ciclo bem-sucedido de um longo projeto de evangelização que teve como principal meio de comunicação a literatura sapiencial do Antigo Testamento, deixando-nos a grande lição de que a sabedoria de Deus foi idealizada para ser propagada com a vida e com as palavras.

## **ABSTRACT**

The main goal of this article is to analyze different levels of similarities between the wisdom produced within the Israelite society in the Old Testament times and the wisdom produced elsewhere. The main concern is not to draw a line that separates the wisdom of Israel from everything else produced internationally, but to understand the reasons and consequences of so many similarities between both. These similarities, which the author calls “propinquity”, should not be considered an evidence of misappropriation of content or mere repetition, but rather an intentionally calculated strategy of communication. The wisdom literature of the Old Testament was close enough to international wisdom so as to be recognized as part of the genre called “wisdom”. Yet it was far enough to keep its prerogative to proclaim the truth coming from the fear of the Lord.

## **KEYWORDS**

Wisdom literature; Contextualization; Propinquity; Instruction; Aphorism.

